



UMA CIDADE, DOIS NORTES: A AMBIGUIDADE DE MAZAGANISTAS QUE ATRAVESSARAM O ATLÂNTICO.

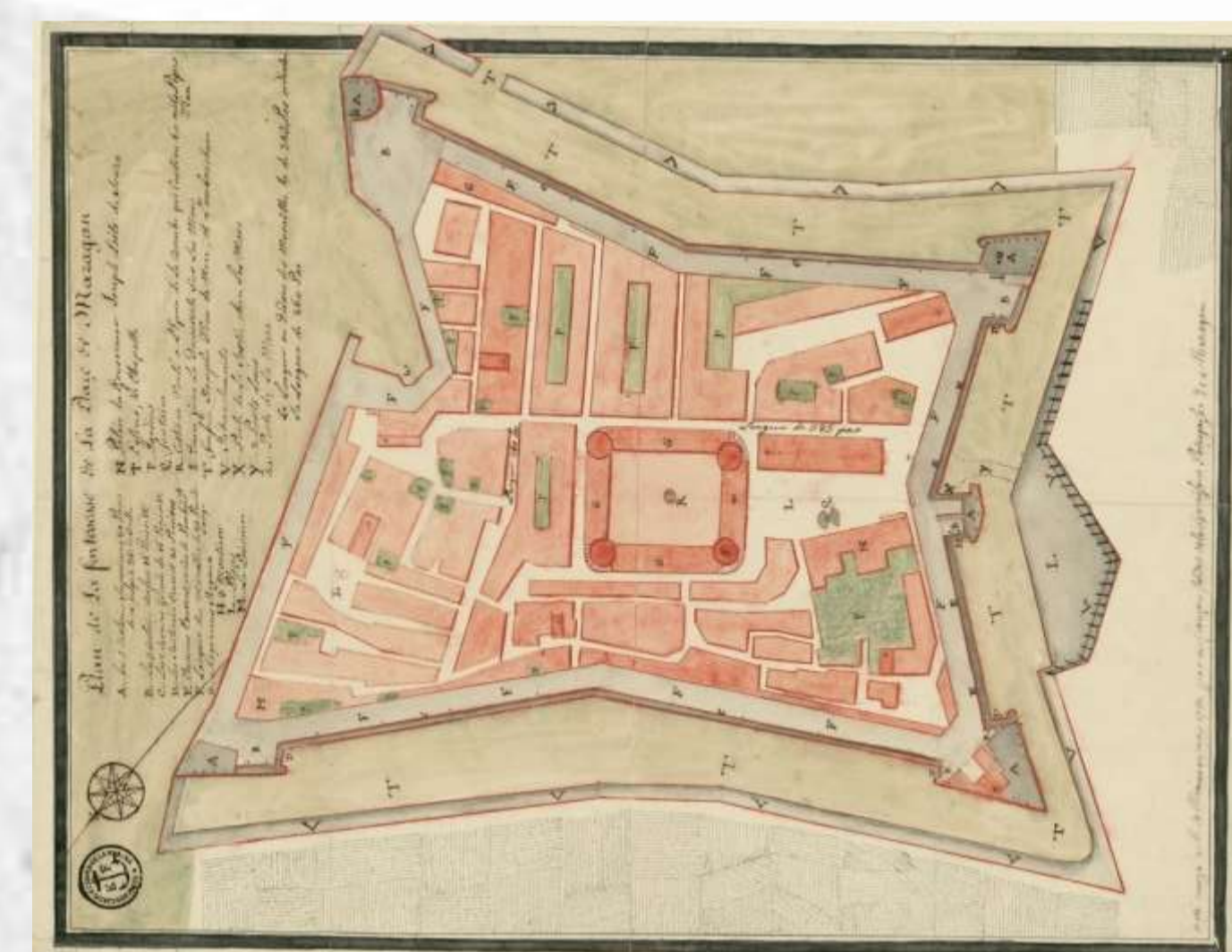
Autor: Allan William Lebrege da Costa
Orientador: Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Junior

INTRODUÇÃO

Mazagão. Mais de duas mil vidas compuseram este nome na segunda metade do século XVIII. Vidas que foram deslocadas de uma praça-forte homônima situada no norte da África, atual Marrocos, para outro norte: o Grão-Pará. Houve uma evacuação da fortaleza no ano de 1769, articulada e decidida cerca de um ano antes por Francisco Xavier Mendonça de Furtado, então secretário de Estado de Marinha e do Ultramar e irmão do Marquês de Pombal. Uma cidade inteira que experimenta a vivência em três continentes, naturalmente um evento atípico de migração que atrai a atenção do pesquisador. Dentre as razões para a ordem de evacuação, brevemente evidencio duas: o cerco militar iniciado pelo sultão mouro Mulah Mohamed, para expulsar os mazaganistas de sua fortaleza, e a ocupação e defesa territorial do Cabo do Norte, com a criação da vila Nova de Mazagão. Partindo da praça-forte, pararam em Lisboa, em 1769, logo prosseguiram para Belém, onde houve mazaganistas aguardando por mais de oito anos pela transferência para vila de Nova Mazagão, desde a chegada. Essas pessoas trouxeram consigo as suas vivências, suas formas de sobrevivência e trabalho, que foram adquiridas e desenvolvidas desde a presença de seus antecessores na fortaleza, na primeira metade do século XVI, e foram introduzidas compulsoriamente no Vale Amazônico, que logo se apresentou como um lugar desconhecido, impróspero e segundo os próprios mazaganistas de “repugnância”.

OBJETIVO

Foi necessário um processo de adaptação à forma de viver e trabalhar dessas pessoas na capitania do Grão-Pará. Posto isso o objetivo desta pesquisa em andamento é comparar o perfil de trabalho e a posse de escravizados dos mazaganistas de quando imigraram em 1769 e de quando estavam em Belém e em Nova Mazagão em 1778, uma vez que o projeto de rizicultura implantado por Portugal, conforme expõe a pesquisa de Rosa Marin (2005), exigiu uma mão de obra que os moradores de Mazagão, provenientes de uma forte cultura militar em sua antiga fortaleza, se adaptaram e desenvolveram para sobreviver no novo assentamento. Para além deste fator, nota-se um aumento na posse de escravizados destes súditos no decorrer do estabelecimento em Nova Mazagão e a insistência de permanecer na cidade de Belém.



Planta de Mazagão de 1757, de J. Béliard.
FONTE: Bibliothèque Nationale de France.

METODOLOGIA

Nesse sentido, a metodologia trabalha com um amplo conjunto documental, que articula dados seriais com trajetórias individuais, e dados retirados de documentos produzidos na evacuação da praça-forte, no transporte de Lisboa para Belém, no aguardo da transferência para vila nova e no recenseamento na própria Nova Mazagão presentes no site do Arquivo Histórico Ultramarino. Nosso viés investigativo conversa diretamente com a microanálise, ao valorizar um jogo de escalas, onde no processo macro-histórico de ocupação e exploração desenvolvido no reinado de D. José I ganha novos sentidos na redução da perspectiva analítica, na medida em que se trabalha os dados desses moradores, ao encontro do que pontuou Carlo Ginzburg: “uma escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável em outros tipos de historiografia” (1991, p. 178). Assim como utilizaremos o debate de tática e estratégia de Jan Kok (2002) para melhor compreender a sobrevivência material e social dos imigrantes no Cabo do Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente momento a pesquisa encontra-se em andamento. Contudo, é correto dizer em nossa conjuntura, a análise das listas de mazaganistas ao saírem de Mazagão Velho e ao se instalarem em Belém a espera de ir para Nova Mazagão oferecem a produção de mapas populacionais e base de dados, por meio dos quais é possível sistematizar o perfil de ocupação e posse de escravizados desses sujeitos que fizeram parte da construção demográfica do Vale Amazônico e que deixaram marcas culturais presentes até os dias atuais. Dessa forma, mostram-se como agentes que buscaram estratégias e táticas nas suas sobrevivência e relações sociais.

REFERÊNCIAS

- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1991.
- KOK, Jan. The Challenge of Strategy: A Comment. **International Review of Social History**, [S.l.], v. 47, n. 3, p. 465-485, dez, 2002. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/international-review-of-social-history/article/challenge-of-strategy-a-comment/6F5037FC20D8F14030360145146DD6A1>. Acesso em: 08 fev. 2024.
- MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Agricultura no delta do rio Amazonas: colonos produtores de alimentos em Macapá no período colonial. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 8, n. 1, p. 073-114, dez, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/48>. Acesso em: 08 fev. 2024.
- VIDAL, Laurent. **Mazagão a cidade que atravessou o Atlântico do Marrocos à Amazônia (1769-1783)**. São Paulo: Martins, 2008